

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Livre
Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020
Submetido em: 08/04/2020
Aprovado em: 29/07/2020

Narrativa e animação: representações da maternidade na websérie *Conception*

Narrative and animation: representations of motherhood in the webseries Conception

Narrativa y animación: representaciones de la maternidade en la serie web Conception

Christina FERRAZ MUSSE¹
Isabella DE SOUSA GONÇALVES²

Resumo

Depois do New Journalism, houve uma nova aproximação entre jornalismo e narrativa, a partir de profissionais que procuraram se utilizar de técnicas literárias para a produção de suas reportagens. A influência de tal movimento pode ser vista, até hoje, em produtos que procuram se afastar do formato tradicional. Este é o caso da websérie *Conception*, produzida pelo New York Times, que traz a história sobre a maternidade de seis mulheres, por meio de animações curtas. Este artigo procura entender como a maternidade é representada na primeira temporada da websérie, por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011). Evidenciou-se que são abordadas temáticas diversificadas, a partir dos testemunhos, com a perspectiva das próprias personagens, amplificadas pelo uso de recursos multimídia, resultando em uma narrativa híbrida, ou animação jornalística.

Palavras-chave: New York Times. Websérie. Jornalismo. Narrativa; Representação.

Abstract

After the New Journalism, there was a new approach between journalism and narrative, as journalists tried to use literary techniques for producing their articles. The influence of this movement can be seen until nowadays, noticed on stories different from the traditional format. This is the case of the webseries “*Conception*” produced by the *New York Times*, which brings stories related to motherhood of six different women, using short animations. This paper aims to understand how motherhood is represented on the first season of this webseries, through the content analysis by Bardin (2011). It was

¹ Professora titular do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: cferrazmusse@gmail.com. ORCID: 0000-0002-1172-5993.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior. E-mail: isgoncalvess@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6492-9236.

evident that diverse themes are approached, based on the testimonies, with the perspective of the characters themselves, amplified by the use of multimedia resources, resulting in a hybrid narrative, or journalistic animation

Keywords: New York Times. Webserie. Journalism. Narrative. Representation.

Resumen

Después del Nuevo Periodismo, hubo un nuevo enfoque entre el periodismo y la narrativa, de los periodistas que intentaron utilizar técnicas literarias para la producción de sus artículos. La influencia de tal movimiento se puede ver hoy, en informes que buscan alejarse del formato tradicional. Este es el caso de la serie web “Conception”, producida por el New York Times, que trae la historia sobre la maternidad de seis mujeres, a través de animaciones cortas de 4 minutos. Este artículo busca comprender como se representa la maternidad en la primera temporada de la serie web, basada en el análisis de contenido, por Bardin (2011). Era evidente que se abordan diversos temas, basados en los testimonios, con la perspectiva de los propios personajes, amplificados por el uso de recursos multimedia, es decir, una narrativa híbrida, o periodismo animado.

Palabras clave: New York Times. Serie web. Periodismo. Narrativa. Representación.

Introdução

A websérie *Conception* foi veiculada, no YouTube, no início de 2018, tendo sido produzida a partir de histórias das seguintes mulheres: Marie, Laurin, Gabrielle, Yael, Cassandra, Catie e Jenn. Trata-se de mulheres reais, que podem ser confundidas com milhares de outras. Para a seleção de tais narrativas, o *New York Times* pediu a participação de seus leitores, tendo que escolher seis enredos, dentre 1300 respostas. Posteriormente, as histórias foram narradas pela voz de Triona O’Neill, que participa de todos os episódios. Ao assistir, o espectador não tem acesso aos nomes completos das personagens, tampouco consegue saber como se parecem, uma vez que as narrativas foram ilustradas. A narradora conta uma história em primeira pessoa, um relato autobiográfico, portanto, uma narrativa da memória, mas ambientada em um cenário que mais parece ficcional, porque é desenhado. Nesse sentido, a websérie se configura enquanto narrativa híbrida, que bebe de atributos literários, jornalísticos, documentais e do cinema de animação. Neste artigo, vamos denominá-la de animação jornalística.

De acordo com Munday (2018), para a criação da arte, o periódico contou com a participação de ex-alunos do londrino *Moth Studio* (Sam Ballardini, Hannah Jacobs,

Amelia Griller, Jordan Bruner e Joanna Neborsky). Por meio de tal artifício, cada uma das histórias ganhou uma identidade distinta, uma vez que cada um dos animadores utilizou o seu próprio estilo para o trabalho. Dessa forma, ao assistir a cada um dos episódios, o espectador tem acesso a uma nova história, que ganha a sua singularidade a partir das características da animação, além da própria originalidade do enredo.

Os traços nada realistas das animações provocam no espectador uma nova amplitude de fruição da narrativa. De certa forma, ganha corpo uma estética quase que lúdica para falar de temas tabus em relação à maternidade, como a tentativa de aborto ou de suicídio. O desenho protege a identidade da depoente, mas vai além. A percepção que temos é de que a animação é capaz de tornar mais universais aqueles sentimentos, ao mesmo tempo em que extrai deles a crueza do real, para incorporar ao relato ingredientes como a emoção e a subjetividade. Os traços delicados e a trilha sonora tornam-se molduras para cada história, e, ao invés de provocarem estranhamento, parecem criar mais empatia entre o espectador e a personagem. Cada animação é carregada do sentimento de humanidade, uma espécie de humanização daquelas grávidas que são vítimas da dor, da dúvida e da perda. Essas personagens, normalmente retratadas para despertar compaixão no interlocutor, parecem aqui adquirir novas habilidades, que habitam os relatos ficcionais. Na superfície do desenho, os corpos não estão mais presos aos referenciais de espaço ou tempo, pelo contrário, parecem flutuar e lutar contra o peso do calendário e da gravidade. Assim, através da animação, são amplificadas e multifacetadas as representações sobre a maternidade.

Cada história tem um caráter plural, embora as mães representadas possuam histórias, experiências e lugares de fala distintos e singulares. São experiências narrativas sensíveis e com capacidade de tocar os espectadores de forma mais intensa, do que parece ser possível com os formatos narrativos mais canônicos, em especial o jornalismo audiovisual, com as fórmulas que alternam narrações e depoimentos, numa repetitiva sequência de imagens. Em *Conception*, as edições enxutas, de pouco mais de quatro minutos, exibem histórias fáceis de ver e ouvir, em qualquer plataforma.

Este artigo visa a analisar quais as narrativas sobre a maternidade são representadas na primeira temporada dessa websérie. O estudo se justifica, já que a maternidade “carrega um peso forte enquanto identidade, em especial a imagem da ‘boa’

mãe” (WOODWARD, 2003, p. 21). Segundo a pesquisadora, existe uma dialética entre a figura da “boa” mãe e da mãe “ruim”. A primeira é, em diversas ocasiões, incorporada na imagem da “Virgem Maria”, sendo ela, portanto, altruísta, sacrificando-se em prol de seu filho e não sendo vista enquanto indivíduo sexual. Em oposição, a “mãe ruim” é egoísta, não possui cuidado com os filhos e procura o prazer pessoal.

De acordo com Woodward (2003), as mães ruins são representadas mais frequentemente na mídia. No jornalismo, as reportagens trazem histórias de mães que abandonaram seus filhos, devido a interesses pessoais. Em contrapartida, nos casos similares, pais são raramente submetidos a essa classificação de “pais ruins”. Existe, portanto, uma forte identidade de maternidade, que se sustenta nas atribuições dadas à figura materna, enquanto a paternidade não possui tais cobranças.

Os conceitos relacionados à definição do masculino e do feminino são simbólicos, formados a partir de um conjunto de perspectivas, intercaladas por uma ideologia patriarcal idealizada (MENÉNDEZ, 2008). Nesse sentido, a construção da identidade feminina perpassa pela representação cultural, que influencia na demarcação do campo de atuação desse “ser mulher”. Essa separação entre o masculino e o feminino delegou aos homens a identificação de elementos como poder e autoridade; enquanto as mulheres ficaram relacionadas à dimensão do trabalho doméstico e ao cuidado das pessoas (HIDALGO-MARÍ; SÁNCHEZ, 2020).

As representações sociais, assim, contribuem para reforçar tais estereótipos de gênero ou, ao contrário, para quebrá-los. Dessa forma, é fundamental analisar como os veículos de comunicação têm representado a maternidade, de forma a perceber se tal representação e, por consequência, a identidade, tem sofrido alteração ao longo do tempo. Assim, analisar os sistemas de representação importa, já que tais como os produtos midiáticos, eles influenciam na construção de identidades. Para entender o conceito de representação, utilizamos, como referência, Moscovici (1988) e Lippman (1922), autores fundamentais para a psicologia social, campo que se utiliza dos conceitos de representação e estereótipo como base para suas reflexões.

De acordo com Moscovici (1988), as representações sociais podem ser entendidas enquanto espaços de mediação e negociação. Tais processos, por sua vez, ocorrem tanto em nível individual, quanto coletivo, por meio do fenômeno da inovação e

da continuidade. As representações sociais são fundamentais, enquanto aspectos da sociedade, uma vez que são responsáveis por atuar no direcionamento de interações sociais, já que se comportam enquanto um mapa subjetivo. Dessa forma, atuam enquanto enquadramentos para o processo de construção de sentido. A representação, assim, pode ser entendida enquanto ponte entre o mundo e as coisas, dando sentido à realidade.

Para lidar com a realidade complexa, o ser humano procura criar modelos de simplificação que auxiliam na tomada de decisões. Lippman (1922) conceitua tais modelos enquanto pseudoambientes, que são, na realidade, uma coleção de estereótipos, estando eles relacionados a tudo, como a grupos de pessoas, ambientes, governo, instituições, ou seja, todos os aspectos da sociedade. Tais estereótipos ou pseudoambientes influenciam cada uma das decisões do indivíduo. “Para cada decisão política, alguma visão dos fatos é considerada conclusiva, alguma visão das circunstâncias é aceita como base da inferência e como estímulo aos sentimentos”. (LIPPMAN, 1922, p. 11)³. Nesse sentido, importa estudar tais representações sociais, uma vez que esses modelos influenciam, de forma determinante, cada uma das ações humanas. Dessa forma, as visões acerca das mulheres ou, mais especificamente, da maternidade, podem influenciar a criação de políticas públicas ou mesmo a perpetuação de comportamentos ou ações machistas.

Assim, o presente artigo procura investigar a primeira temporada da websérie *Conception*, adotando, para tanto, a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Por meio dela, procura-se entender quais são os temas abordados, através das subcategorias: (a) Gravidez desejada; (b) Gravidez não desejada; (c) Impossibilidade da gravidez; (d) Depressão pós-parto; (e) Aborto considerado; (f) Aborto realizado; (g) Maternidade sozinha; (h) Maternidade como aprisionamento; (i) Dificuldades da maternidade; (j) Questionamento dos papéis de gênero. Ademais, a análise também procurou identificar os sentimentos associados à gravidez e à maternidade a partir dos relatos, tendo sido contemplados: (a) Felicidade e (b) Frustração/Tristeza. A análise pretende identificar

³ Trecho original: “For each of these decisions (political ones) some view of the facts is taken to be conclusive, some view of the circumstances is accepted as the basis of inference and as the stimulus off feeling. What view of the facts, and why that one?”

novas formas de representação do feminino, no relato jornalístico, capazes de romper comportamentos naturalizados, que aprisionam os relatos em leituras acríticas.

O jornalismo como narrativa

Durante a sua história, o jornalismo construiu, em relação a si próprio, uma narrativa sobre a sua relação com a verdade. Para tanto, adotou técnicas de produção responsáveis por firmar o seu aspecto científico e objetivo. De acordo com Schudson (2001), a interseção do jornalismo com a objetividade começa a se estabelecer nos Estados Unidos, ao final do século XIX, momento em que ocorreu uma maior comercialização das notícias. Nesse momento embrionário, entretanto, tal interseção com a objetividade ainda estava longe do modelo desenvolvido depois nas redações, mas serviu enquanto ponto de partida, tendo se estabelecido, de fato, somente a partir de 1922.

A busca pela objetividade, por parte da imprensa, passou a influenciar os mais diversos jornais, como o próprio *New York Times* (NYT), objeto deste estudo. Ao assumir o veículo, em 1896, por exemplo, Adolf Ochs afirmou que o jornal entregaria as notícias de forma imparcial, independentemente de qualquer partido ou interesse (NYT, 2015). O modelo norte-americano se baseava nas técnicas da redação que são observadas até hoje, sendo elas: *lead*⁴, pirâmide invertida⁵, manuais e *copydesk*⁶ (RIBEIRO, 2000). Tais procedimentos fazem com que o jornalismo adquira um caráter técnico, corroborando para o véu de realismo que ele procura vestir.

Entretanto, é interessante perceber que essas noções de verdade, transparência e objetividade, presentes até hoje, são consolidadas na forma de discurso. O jornalismo conversa com o racionalismo moderno, que se afasta e nega aspectos míticos e inverossímeis (SODRÉ, 2009). Portanto, baseia-se em uma “aposta na realidade externa ao texto e ao sujeito (...) [que] está inserida em uma tradição positivista e científica que dominou o século XIX” (PONTES; SILVA, 2010, p. 52).

⁴ O lead é o primeiro parágrafo da notícia, que deve responder às perguntas: “O quê?”; “Quem?”; “Quando?”; “Onde?”; “Como e Por quê?”.

⁵ A pirâmide invertida é uma técnica de redação jornalística que prevê que o mais importante deve ser apresentado primeiro ao leitor, o que nem sempre respeita a ordem cronológica do fato.

⁶ A função de copydesk é semelhante à de um revisor, que vai aprimorar o texto do repórter para publicação.

Segundo Tuchman (1993), quatro procedimentos podem ser identificados para configurar a objetividade jornalística, sendo eles: (a) a identificação dos “fatos” e a apresentação deles de forma objetiva, a partir de diferentes versões; (b) a apresentação de provas auxiliares; (c) o uso de citações, fazendo desaparecer a presença e a opinião do repórter, demonstrando apenas as colocações das fontes e simulando uma neutralidade; (d) a estruturação da informação, de forma a constituir uma sequência apropriada, a partir da configuração de pirâmide invertida.

Com os seus métodos para a produção da notícia, o jornalismo tem, em seu discurso, uma lógica pragmática e objetiva, demonstrada em sua ligação com a objetividade e com a sua função de informar. Entretanto, mesmo que tenha um critério informativo, é inegável que a notícia possa ser classificada como uma narrativa, embora, por muito tempo, o jornalismo tenha tentado negar essa relação. Nesse sentido, as notícias se utilizam dos princípios da objetividade para suportar a ideia de neutralidade, mas o discurso jornalístico possui procedimentos retóricos e imaginativos enquanto base e se configura, para tanto, na forma de narrativa (SODRÉ, 2009).

Para Motta (2005), o estabelecimento da narrativa ocorre por meio da organização de estados de transformação, ou seja, a partir de uma sequência de continuidade, na qual são integradas ações do passado, presente e futuro. Nesse sentido, o jornalismo, ao relatar o acontecimento, sequencia os fatos. Dessa forma, mesmo que narre elementos não ficcionais, ele organiza os fatos sob o formato de uma história e apresenta traços que identificam qual tipo de história está contando. (PONTES; SILVA, 2010, p. 59). Nessa perspectiva, apesar de seu caráter informativo, a notícia se configura em forma de narrativa, dividindo-se em momentos de descrição e narração, com um caráter híbrido. Assim como na ficção, a sua organização não é aleatória, por ser pensada e estruturada segundo objetivos. Dessa forma, ela é responsável por produzir efeitos na sociedade (MOTTA, 2005).

Segundo a teoria literária, descrita por Motta (2005), existe uma oposição no que tange à narrativa, sendo ela a existência de duas técnicas: (i) o *showing*, técnica de representação dramática que apresenta uma sequência de cenas, revelando as situações e deixando o espectador compor a história; (ii) e o *telling*, na qual há um narrador, responsável por conectar eventos, apresentar interpretações e contar a história. No caso

do jornalismo, há uma tendência para o *showing*, uma vez que existe uma ideia de distanciamento do jornalista, sendo que ele busca apenas apresentar os fatos e deixa a interpretação a cargo do leitor. Na contemporaneidade, no entanto, o jornalismo, a cada dia mais, tem se estruturado em torno da técnica do *telling*, que coloca em evidência a força do narrador como contador de histórias, como veremos neste artigo.

Na prática jornalística, até então, era comum o discurso informativo, que se apropriava dos eventos da sociedade para estabelecer relatos relacionados com a realidade (SODRÉ, 2009). Entretanto, mesmo procurando caracterizar tal veracidade, o jornalismo, em diversos momentos, já vivenciou interseções entre a objetividade e a subjetividade, fato exemplificado no *New Journalism*, movimento surgido nos Estados Unidos, em meados do século XX, que utilizou artifícios literários (SODRÉ, 2009), evidenciando a interseção entre jornalismo e narrativa, e do próprio jornalismo com a literatura.

Dessa forma, jornalistas da época, como Truman Capote, Hunter S. Thompson, Joan Didion, Terry Southern e Gay Talese escreviam as reportagens jornalísticas a partir de técnicas literárias, obedecendo, portanto, a características da literatura no formato narrativo. No entanto, vale lembrar que tal relação do jornalismo com a literatura se dá desde a sua fase inicial, uma vez que ainda nos tempos dos publicistas, na primeira metade do século XX, estes procuravam se inspirar no estilo de autores como Camões, Cervantes, Molière e Shakespeare (LAGE, 2006).

Outros autores também estabelecem essa conexão entre jornalismo e literatura. Olinto (2008), por exemplo, alega que o jornalismo é, na realidade, uma literatura sob pressão, por ser feito na imediatez. Em obras literárias reverenciadas pelo cânone, como *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, a representação da realidade pulsa forte, como em uma grande reportagem. Na antológica revista *Realidade*, publicada pela Editora Abril, na década de 1960, perfis e relatos de viagem, acompanhados de belos ensaios fotográficos, seduziam os leitores. Hoje, livros-reportagem de jornalistas como Daniela Arbex ou Eliane Brum⁷ têm sido muito vendidos.

⁷ Daniela Arbex e Eliane Brum são jornalistas brasileiras. A primeira ficou conhecida por seu livro reportagem *Holocausto Brasileiro*, e a segunda, pela obra *O Olho da Rua*.

Nesse sentido, mesmo diante do caráter cientificista do jornalismo, observado especialmente no século XX, por meio de uso de tais técnicas mencionadas, o jornalismo e a literatura encontram-se e mesclam-se constantemente. No século XXI, além disso, com a expansão de narrativas digitais, novos formatos podem ser adotados, havendo, assim, a experimentação de outros tipos de linguagem no exercício cotidiano jornalístico. Jornais impressos, por exemplo, têm utilizado o formato audiovisual para apresentar novos enquadramentos noticiosos, dentro de uma perspectiva de convergência midiática. Geralmente, os conteúdos são apresentados como pequenos documentários. Às vezes, os recursos gráficos podem facilitar a compreensão de tabelas “animadas”, que simplificam a apreensão de dados estatísticos, que, de outra forma, seriam mais dificilmente decodificados. A inovação narrativa que mais chama a atenção, embora ainda pouco comum, é a animação não realista. Pode-se citar, nessa perspectiva, a websérie *Conception*, que traz seis histórias reais sobre a maternidade, utilizando, para tanto, o desenho animado que, durante muito tempo, foi identificado como uma linguagem puramente ficcional, que ilustrava contos de fadas e histórias de super-heróis, destinados em especial para crianças e adolescentes, ou, mais recentemente, audiovisuais ficcionais com temáticas para adultos.

A animação, no caso do *New York Times*, permite uma dose extra de subjetividade, por meio da livre adaptação dos desenhistas. E, ao mesmo tempo, preserva a identidade das fontes, que se expõem em seus relatos por meio das narrativas pessoais. Essa estratégia de uso de desenhos pode ser vista, também, em matérias que são produzidas por meio dos quadrinhos, em *graphic novel* ou jornalismo em quadrinhos, que têm se popularizado, desde meados do século XX, como narrativa híbrida, capaz de relatar situações de guerra, ameaça, violência ou outros relatos típicos da investigação jornalística.

As produções audiovisuais do *New York Times*

O *New York Times* (NYT) foi fundado em 1851 por Henry Jarvis Raymond e George Jones e possui 169 anos de história, tendo, atualmente, mais de 3 milhões de assinantes, divididos entre as opções digitais e impressas. O veículo já conquistou 125

prêmios Pulitzer⁸, mais do que qualquer outra organização jornalística, fato que faz dela uma referência internacional (NYT, 2018). Ao longo de sua história, em função do seu posicionamento, da sua política editorial e das suas iniciativas tecnológicas pioneiras, o periódico se configurou como um modelo de jornalismo internacional, tanto para os Estados Unidos, quanto para outros países. Nessa perspectiva, estudar o *New York Times* é importante para entender o jornalismo, além das possibilidades de novas iniciativas de negócios com as disrupções tecnológicas. Por ser referência, muitas de suas iniciativas se antecipam em relação aos outros veículos, fato que ajuda a influenciar diversas organizações.

As inovações ocorrem, principalmente, no âmbito tecnológico, tendo a empresa investido, a cada dia mais, em assinaturas digitais. Segundo o atual presidente da empresa, Mark Thompson, a ambição do veículo é atingir 10 milhões de assinantes digitais, havendo um interesse também crescente em publicidade digital. O empresário entende que há a possibilidade de, no futuro, não haver mais a mídia impressa, embora ele acredite que esse formato ainda deve perdurar por mais dez anos, por haver um público fiel. De acordo com Thompson, atualmente, a mídia impressa ainda é a que apresenta maior lucro, mas ele acredita que existe grande mercado para o modelo digital (ELI, 2018).

É possível datar essa mudança de postura, em relação ao mercado digital, em diversos momentos, já que a entrada do NYT nas redes sociais aconteceu ainda em 2007. Entretanto, naquela época, a lógica de produção de conteúdo para a web estava atrelada à rotina de produção impressa. Segundo Saliba (2016), foi somente em 2013, que o editor-executivo do veículo, Dan Baquet, anunciou que o conteúdo digital seria deslocado do impresso, ou seja, ambos seriam independentes, de forma que o conteúdo on-line estivesse voltado para a experiência digital. Diante disso, já antecipando o futuro e se adaptando ao presente, o *New York Times* tem investido gradativamente em seu conteúdo direcionado para a web. Para tanto, tem lançado *podcasts* direcionados a públicos distintos, conteúdos audiovisuais inovadores, além de ter investido, cada vez mais, no aprimoramento do website e do próprio aplicativo de notícias.

⁸ Prêmio direcionado à excelência em produções jornalísticas.

Atualmente, a empresa possui mais de dois milhões de assinantes, sendo que, apenas nos seis primeiros meses de 2017, houve um aumento de 400 mil assinaturas. Este investimento no mercado digital, assim como o cuidado com os clientes tradicionais, os chamados migrantes digitais, tem permitido que o *New York Times* alcance, até mesmo, maior relevância internacional, já que 13% das assinaturas são de outros países. Além disso, tal investimento também tem possibilitado alcançar o público mais jovem, ou seja, os nativos digitais, por meio de iniciativas inovadoras, tais como as redes sociais e outras plataformas. Em 2016, por exemplo, o *New York Times* lançou o *The Daily*, um noticiário em áudio, que foi o *podcast* mais “baixado” na Apple, naquele ano. Ademais, o veículo também lidera a indústria de notícias em realidade virtual no formato de vídeo 360 graus. Desde dezembro de 2016, o *New York Times* produz um vídeo por dia neste formato, com jornalistas transmitindo notícias de 57 países (GONÇALVES, 2019).

No ramo audiovisual, a empresa concentra todo o seu conteúdo no link www.nytimes.com/video, na página *TimesVideo*, onde lança novos conteúdos diariamente. Dentre eles, é possível encontrar vídeo-reportagens curtas, em que o repórter está presente apenas em off, sendo que muitas delas contam com a presença de infográficos, o que torna o conteúdo mais atrativo para a web. As reportagens produzidas comportam assuntos variados, havendo conteúdo de política internacional e nacional, economia, negócios, cultura, tecnologia, gastronomia, saúde, ciência, negócios e opinião. Os vídeos produzidos possuem formatos diversificados, havendo aqueles mais tradicionais, sem muitas intervenções criativas, e outros que se utilizam de recursos inovadores. Normalmente, as reportagens que se ancoram no formato tradicional são aquelas ligadas a assuntos “quentes”, factuais, o que, provavelmente, faz com que seja necessário um menor tempo de produção.

Por outro lado, no site da empresa, é possível encontrar uma série de produções diferenciadas, como: as reportagens em 360°, que podem ser assistidas com os óculos de realidade virtual; o conteúdo da *T Magazine*, que comporta as temáticas de *design*, viagens, férias, moda e arte; as reportagens que permitem uma maior liberdade criativa, sendo elas, normalmente, de temáticas que despertam maior curiosidade e possuem uma maior durabilidade temporal de consumo, como cultura, tecnologia e ciência; e outros

conteúdos não tão fixos, como as webséries *Modern Love* e *Conception*, traduzidas em iniciativas pontuais.

Modern Love foi pioneira, produzida com animações, tendo 16 episódios, que foram lançados entre 2013 e 2015. Esta série foi inspirada na coluna de mesmo nome, publicada no jornal, há cerca de 15 anos, onde são veiculados relatos autobiográficos, histórias de amor, perda e redenção, com o uso de recursos literários, como narrador e aspas. Ao assistir a cada um dos episódios, um link, na descrição do vídeo, direciona para o conteúdo em formato impresso. Além da websérie, o *podcast* de mesmo nome também foi baseado nesta mesma coluna, sendo veiculado semanalmente. No caso, a série *Modern Love*, no formato *podcast*, se iniciou em 2016, e está ativa até hoje. Nesse sentido, o conteúdo em áudio foi provavelmente o substituto da websérie, embora não seja possível afirmar o porquê de as animações não terem sido mais gravadas. De qualquer forma, por possuir o formato de desenho animado, é possível afirmar que a ideia de *Conception* não é inédita, uma vez que *Modern Love*⁹ inaugurou tal iniciativa em 2013.

A websérie *Conception*

O objetivo deste artigo é o de analisar como a maternidade é representada na websérie *Conception* e, para tanto, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que possibilita a criação de categorias passíveis de organizar o objeto a ser descrito e interpretado. No caso deste artigo, a análise ocorre sobre o texto, concentrando-se nos significados, como um estudo temático, procurando entender quais assuntos foram abordados nas histórias.

O *corpus* foi formado pelos seis episódios da websérie, sendo eles: “(i) Porque eu adotei o bebê da minha irmã; (ii) Quando ter uma criança não te faz feliz; (iii) A promessa de uma mãe: você pode ser você mesma; (iv) Eles viram um pai, ela era uma

⁹ A websérie em animação foi adaptada da coluna *Modern Love*, que também foi adaptada para a série audiovisual da Amazon.

mãe; (v) O mundo era dela, e aí ela se tornou uma mãe; (vi) Sua mãe teve cinco filhos. Ela queria uma outra vida” (NYT, 2018, tradução livre)¹⁰.

A metodologia de Bardin (2011) orienta que, primeiramente, seja feita uma leitura flutuante do *corpus* para, posteriormente, criar categorizações de análise. O método se torna adequado para o trabalho, por se configurar em uma forma indutiva. Dessa maneira, por meio do objeto de análise, é possível entender as suas características e estabelecer relações com os fenômenos sociais. Optou-se pela metodologia, já que, a partir dela, podem-se identificar as principais temáticas trabalhadas, entendendo o objeto de maneira ampla e analítica.

Partindo, assim, de uma metodologia baseada na indução, depois que todos os episódios da websérie foram assistidos, foram criadas as seguintes categorizações e subcategorizações, com base no próprio *corpus* de análise: I. Temas abordados, com as subcategorias – (a) Gravidez não desejada, (b) Impossibilidade de gravidez, (c) Depressão pós-parto, (d) Aborto considerado, (e) Maternidade sozinha, (f) Dificuldade da maternidade, (g) Maternidade como aprisionamento, (h) Aborto realizado, (i) Questionamento dos papéis de gênero; II. Sentimento associado à gravidez pela personagem – (a) Felicidade; (b) Frustração/Tristeza; III. Sentimento associado à maternidade pela personagem – (a) Felicidade; (b) Frustração/Tristeza.

No primeiro episódio, “Porque eu adotei o bebê da minha irmã”, o enredo começa com a visão de Jenn que, aos 12 anos, ganhou uma irmã mais nova (Catie), estando ela sempre presente, adorando cuidar da bebê. Um dos maiores sonhos de Jenn era o de ser mãe, entretanto, por razões médicas, ela não pôde engravidar. O vídeo mostra um calendário animado, no qual os dias passam, de forma a ilustrar a passagem do tempo, em que tentou engravidar. Em contraponto, Catie, que acreditava não poder ter filhos, engravidou de forma indesejada, e se viu dividida em relação ao aborto. Posteriormente, ela acaba decidindo manter o bebê, sendo abordada a maternidade conjunta das duas irmãs. Os temas encontrados, portanto, foram: gravidez não desejada; impossibilidade de

¹⁰ (i) Why I adopted my sister’s baby; (ii) When having a Child Doesn’t Make you Happy; (iii) A Mother’s Promise: You can be yourself; (iv) They Saw Dad, She Was Mom; (v) The World Was Hers, Then She Became a Mom; (vi) Her Mom Had Five Kids. She Wanted Another Life. Websérie disponível em: <https://www.nytimes.com/video/conception>.

gravidez; e aborto considerado. O sentimento associado à gravidez por Catie foi a tristeza e a frustração. O sentimento associado à maternidade por ambas foi a felicidade.

No segundo episódio “Quando ter uma criança não te faz feliz”, a história narrada é a de Yael. Ela, quando criança, perdeu a mãe, que se suicidou, mas o pai mentiu, dizendo que ela tivera um ataque cardíaco. Aos 30 anos, Yael decidiu tentar a maternidade. Nos primeiros meses, ficou muito feliz, mas, depois, o bebê não crescia e não dormia, então, ela começou a se tornar angustiada e triste. Em depressão pós-parto, tentou se suicidar duas vezes, mas não conseguiu. Yael, então, procurou se cuidar, superando a depressão. Os temas encontrados foram: gravidez desejada, depressão pós-parto e dificuldade da maternidade. O sentimento associado à gravidez pela personagem foi a felicidade. Entretanto, o sentimento associado à maternidade foi a tristeza, naquele momento de vida.

O terceiro episódio “A promessa de uma mãe: você pode ser você mesma” traz a história de Laurin, cujo marido era um ativista, que estava em El Salvador. Um dia, os dois se encontraram no México, onde tiveram apenas um dia juntos, antes de ele voltar a El Salvador. Entretanto, ao retornar para casa, Laurin descobriu que o seu marido tinha morrido, mas que ela estava grávida, fato que a fez muito feliz. Assim, ela se fez a promessa de que deixaria aquele filho ser quem ele quisesse, permitindo que ele caminhasse na sua própria estrada. Daniel, seu filho, aos quatro anos, disse que desejava ser uma princesa para o *Halloween*. Laurin deixava o filho ser quem ele quisesse em casa, mas o controlava na rua, com medo de provocações e julgamentos. Ela se perguntava como seu marido reagiria a tal situação, mas, no final, chegou à conclusão de que pais não tinham o papel de decidir quem os seus filhos eram, mas de apoiá-los. Nesse episódio, os temas abordados foram: gravidez desejada; maternidade sozinha; e dificuldades da maternidade. O sentimento associado à gravidez foi a felicidade, assim como o relacionado à maternidade.

Gabrielle, no episódio 4, “Eles viram um pai, ela era uma mãe”, narra a luta de se assumir enquanto mulher transexual e mãe de seus filhos. No início do casamento e da maternidade/paternidade, enquanto ocupava o papel de pai, olhava para a sua mulher, no papel de mãe de seus filhos, desejando desempenhá-lo. Via-se, portanto, como uma mãe. Neste episódio, ela descreve como foi se assumir enquanto mulher e mãe, assim como o

processo de aceitação da família e da sociedade. Ao narrar todos os acontecimentos, ela diz: “Eu sou uma mãe em todos os sentidos da palavra, com exceção do físico”¹¹. Neste episódio, foram identificadas as temáticas: gravidez desejada e questionamento dos papéis de gênero. Os sentimentos associados à gravidez e à maternidade, entretanto, foram contraditórios, uma vez que Gabrielle, enquanto homem, se sentiu frustrada e triste, passando a se sentir feliz apenas posteriormente, quando conseguiu assumir a sua identidade.

O episódio 5 “O mundo era dela e aí ela se tornou mãe” narra a história de Marie, que descobriu a gravidez não desejada ao estar sozinha, em um banheiro do McDonald’s. A adolescente adorava sentir que tudo era possível, mas, ao se ver grávida, sabia que nada seria da mesma forma. Para ela, o aborto nunca foi uma opção, uma vez que, aos 17 anos, não tinha coragem de pedir autorização aos pais para realizar o procedimento. Ela nunca esteve conectada com a maternidade e, por isso, se sentia perdida e, ao mesmo tempo, culpada por tal sentimento. Ao longo da maternidade, se ressentiu de Maya, sua filha, por existir e, devido a isso, se arrepende pela mãe que foi. As temáticas abordadas foram: gravidez não desejada; maternidade sozinha; dificuldade da maternidade; e maternidade como aprisionamento. Os sentimentos associados à gravidez e à maternidade foram frustração e tristeza.

No último episódio, “Sua mãe teve cinco filhos. Ela queria outra vida”, Cassandra conta que, ao olhar para sua mãe, avó e bisavó, ainda jovem, via mulheres sobrecarregadas e que não eram livres. Por isso, tinha a intenção de ter uma outra vida. Ela queria frequentar a faculdade e morar em um apartamento em Nova Iorque. Casou-se com um homem que também não queria filhos, mas, aos 30 anos, mudou de opinião, tendo que se separar do marido. Ela ainda acreditava que a maternidade era uma obrigação de todas as mulheres, mas, com o tempo, acabou considerando a ideia. Por fim, encontrou um novo homem e engravidou, ficando feliz com o fato, e por conseguir dividir suas conquistas com o filho. Os temas abordados foram: gravidez desejada e maternidade como aprisionamento. O sentimento associado à gravidez e à maternidade foi a felicidade.

¹¹Tradução de: “I’m a mother in all senses of the word, excepts physical”. Disponível em: <https://youtu.be/NmZsw3ba0bM?list=PL4CGYNsoW2iAe-zrffRciF4R4uWIRLuYB>. Acesso em 4 de abril de 2020.

Na tabela em seguida, é possível visualizar o resumo dos resultados encontrados:

Quadro 1 – Resultados encontrados¹²

Categoria	Subcategoria	Porcentagem
Tema Abordado	Gravidez desejada	66%
	Gravidez não desejada	33%
	Impossibilidade da gravidez	16%
	Depressão pós-parto	16%
	Aborto considerado	16%
	Aborto realizado	0%
	Maternidade sozinha	33%
	Maternidade como aprisionamento	33%
	Dificuldades da maternidade	49%
	Questionamento dos papéis de gênero	16%
Sentimento associado à gravidez	Felicidade	66%
	Frustração/Tristeza	50%
Sentimento associado à maternidade	Felicidade	66%
	Frustração/Tristeza	50%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da análise, foi possível constatar que a série não procura trazer um juízo de valor. Portanto, os episódios não classificam as mães enquanto “boas” ou “ruins”, como outras representações midiáticas procuram fazer. Talvez essa característica esteja relacionada ao fato de que as histórias são narradas pelas personagens, aspecto que as humaniza, já que suas questões psicológicas e existenciais são demonstradas, provocando uma aproximação com o espectador.

As temáticas apresentadas são diversificadas, o que traz maior pluralismo à série, uma vez que a maternidade não é sempre retratada enquanto “perfeita e cor de rosa”, sendo colocadas, também, as dificuldades de tal período de vida. Ao longo dos episódios, por exemplo, 50% deles sinalizaram a gravidez e a maternidade enquanto tristes/frustrantes. Ademais, 33% dos episódios abordaram a gravidez enquanto aprisionamento, demonstrando a vivência da gravidez em oposição à liberdade.

¹² O cálculo percentual foi feito considerando o número de ocorrências dividido pelo número total de episódios. Nesse sentido, se uma temática apareceu em três dos episódios, ou seja, metade deles, ela configurou a porcentagem de 50%.

Embora o aborto seja mencionado em alguns episódios, nenhum deles traz, de fato, a realização de tal procedimento. Mesmo que a série procure retratar a maternidade, tal história poderia ser interessante, diante do tabu existente contra essa prática. Dessa forma, tal tipo de narrativa poderia contribuir para a diminuição de estereótipos em relação ao aborto ou à ausência de desejo de maternidade, uma vez que ainda existe uma pressão social que associa mulheres a essa experiência. Provavelmente, o *New York Times* reconheceu a lacuna, uma vez que, na segunda temporada, uma das histórias narradas é a de uma mulher que escolheu não ser mãe.

Em todos os episódios, chama a atenção a delicadeza com que os temas sobre a maternidade são apresentados: as possibilidades de leitura que surgem com a adição da linguagem não-verbal, dos ruídos, trilha sonora, e, em especial, das imagens, que incorporam novas camadas de interpretação ao tema original. O presente artigo não procurou se debruçar sobre a estética adotada nos episódios, mas é importante chamar atenção para o fato de o *New York Times* ter optado pela contratação de animadores distintos para cada um dos episódios. Nesse sentido, o efeito foi o de entregar uma identidade única a cada uma das histórias, já que os traços e o estilo de animação se tornaram heterogêneos, não havendo, assim, uma estética única. O resultado foi o do reforço à dimensão da pluralidade.

A animação, aliás, contribui para o estabelecimento da liberdade narrativa para o desenvolvimento da websérie, permitindo, por um lado, o anonimato das mães representadas, e o respeito à privacidade, mas também universalizando os relatos, que podem representar diversas outras grávidas, já que o desenho não é uma cópia do real, e inclui a fantasia da imagem. Essa opção pela preservação da identidade das fontes, aliás, pode ser vista no fato de os nomes atribuídos a tais figuras maternas estarem desacompanhados de seus sobrenomes, além de outros dados presentes em narrativas jornalísticas, como origem e profissão dos entrevistados.

A partir de tais artifícios narrativos, o espectador poderá se sentir envolvido, quase um cúmplice, em uma nova relação que se estabelece entre ele e o narrador. Este, por sua vez não tem uma face conhecida, mas compartilha uma história que gera empatia e, certamente, engajamento, embora não se tenha tido acesso aos dados sobre a audiência.

Considerações Finais

Ao estudar a websérie *Conception*, procurou-se perceber quais as distintas representações da maternidade nos episódios veiculados, de forma a agregar conteúdo ao debate já existente, tanto na sociedade, quanto no meio acadêmico, em relação à temática. Ainda hoje, a maternidade possui uma identidade bem demarcada, com atribuições impostas a ela, que recaem não só sobre a figura da mãe, mas da própria mulher. A “mãe boa”, de acordo com as representações midiáticas, é aquela que é altruísta, abdica da própria vida em prol dos filhos, e não pode deixar a ambição atrapalhar a criação das crianças, sendo também vista enquanto ser não sexual. Todas essas representações fazem com que seja construída uma identidade da maternidade, sendo, dessa forma, necessário estudá-la, em especial diante das mudanças dos papéis de gênero.

Estudar representações permite interpretar quais estereótipos são formados a partir de narrativas midiáticas. Conforme foi apresentado no embasamento teórico do artigo, representações podem ser entendidas enquanto formas de ler a realidade social, estabelecendo um elo entre o mundo e as coisas. Da mesma forma que o social influencia a representação, a representação influencia a realidade social, de maneira cíclica. São, assim, elementos indissociáveis. Nesse sentido, estudar representações importa, uma vez que, por meio delas, é possível entender que tipo de construções da realidade está sendo feito.

A partir da websérie, foi possível perceber que foram abordados temas não tão unânimes, quando se trata de narrativas sobre a maternidade. Ao longo dos episódios, questões como o aborto, a maternidade como aprisionamento e o sentimento de frustração/tristeza, ao descrever a experiência materna, foram mencionados. Tal fato foi uma surpresa, uma vez que eram esperadas, primeiramente, histórias que ilustrassem a maternidade de forma idealizada, trazendo, para ela, sentimentos de felicidade. A hipótese de que tais tipos de narrativas seriam encontrados se ampara na literatura acadêmica já existente relacionada à representação da maternidade e às associações e estereótipos relacionados a cada um dos papéis de gênero.

Mesmo que o aborto e o questionamento sobre a maternidade tenham sido mencionados, ao fazer a análise, notou-se que faltaram histórias sobre a própria experiência do aborto e da não maternidade, uma vez que tais temas ainda são tabus em

muitos lugares. A mulher, ainda hoje, é vista enquanto mãe, havendo, nesse sentido, questionamentos sobre aquelas figuras femininas que abdicam de tal experiência por vontade própria. Provavelmente, a produção da série percebeu tal lacuna, já que, na temporada seguinte, há uma preocupação em retratar a temática.

Neste artigo, o que também nos parece fundamental é a percepção de que não há mais limites rígidos que separam as formas de narrar. A hibridização dos gêneros e formatos apontam para novas possibilidades, que ampliam o poder das narrativas em representar prazeres e dores. O jornalismo investigativo, com toda a necessidade de checagem dados, vai se misturar à história de vida, carregada de subjetividade e de lacunas, e tudo isso ainda pode vir embalado por música, sons, imagens idealizadas, não mais registros do real, mas representações carregadas de simbologia, imaginários culturais, que ressignificam o jornalismo e se apresentam como novas possibilidades de engajamento, nesta época de transição entre as diversas maneiras de informar. A animação jornalística traz ao debate novos formatos narrativos, que podem ampliar as possibilidades de contar histórias e mobilizar leitores e espectadores, nessa época em que a disputa pela atenção e fidelidade do público é cada vez mais, maior.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

ELI, K. **Print journalism may last another 10 years**. 2018. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/02/12/print-journalism-may-last-another-10-years-new-york-times-ceo.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

GONÇALVES, I. S. **Tecnologias da memória: o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora.

HIDALGO-MARI, T.; SÁNCHEZ, Y. P. P. Ser madre en la ficción televisiva: una comparativa entre series españolas y estadounidenses. **Area Abierta**, v. 20, n. 1, p. 123-138, 2020.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIPPMAN, W. **Public Opinion**. Nova York: Harcourt, Brace, 1922.

MENÉNDEZ, M. I. **Discursos de ficción y construcción de la identidad de género en televisión**. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 2008.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European journal of social psychology**, v. 18, n. 3, p. 211-250, 1988.

MOTTA, L. G. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2419-1.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MUNDAY, R. **New York Times: Conception Series**. 2018. Disponível em: <https://www.shortoftheweek.com/news/new-york-times-conception-series/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

NYT. **1896 - Without fear or favor**. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/09/12/insider/1896-without-fear-or-favor.html>. Acesso em: 12 set. 2018.

_____. **Conception**. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/video/conception>. Acesso em: 24 ago. 2018.

OLINTO, A. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

PONTES, F.; SILVA, G. Acontecimento jornalístico e história. In: M. BENETTI; V. P. da S. FONSECA (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 43-63.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. 2000. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

SALIBA, R. **A construção do jornalismo audiovisual na web: um olhar sobre o New York Times e o BuzzFeed**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5443>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SCHUDSON, M. The objectivity norm in American journalism. **Journalism**, v. 2, n. 2, p. 149-170, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/146488490100200201>. Acesso em: 12 de setembro de 2018.

SODRÉ, M. **A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: _____. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

WOODWARD, K. Representations of Motherhood. In: _____. **Gender, Identity and Reproduction**. Londres: Palgrave Macmillan, 2003.